ANO I — N.º 3 — 5 DE JUNHO DE 1941 — PREÇO: 1 ESCUDO

Vida Mundial Ilustrada

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

O ILUSTRE ESCRITOR FERREIRA DE CASTRO ao fazer, há dias, no Cinema São Luiz, a sua interessante conferência sôbre o Iraque

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

Vida Mundial Ilustrada
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNANI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES

LUIZ TEIXEIRA
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
MARIA ARCHER
EDGARD MARQUES
MÁRIO BARROS, Etc.

A EXPOSIÇÃO CONTINUA...

DENTRO de poucos dias, até final dêste mês de Junho, vão desaparecer os últimos vestígios da Exposição do Mundo Português, erguida em Belém, há um ano, afirmação de eternidade e de grandeza histórica. Assim o noticiaram os jornais diários de quinta-feira passada: foi nomeada, já, uma comissão destinada a ultimar os trabalhos de necessária demolição dêsses pavilhões que fôram, durante meses, orgulho de Portugal e deslumbrado encanto dos estrangeiros.

Assim, ao romper dêste verão inquieto que se avisinha já num rumor de dúvidas e de incerteza, ficará apenas no vasto recinto de Belém, a recordação dêsse grande livro de História que não nos cansámos nunca de ler, sempre num geito de descoberta e de surprêsa. Na verdade, a Exposição mostrou-nos em tôda a nossa projecção no tempo e deu-nos, por isso mesmo, uma consciência nova de sentido intemporal e permanente.

Passámos há dias, mais uma vez, na Praça do Império. Era um fim de tarde cinzento e magoado que, junto à elegia mágica do Tejo, envolvia às águas serenas do Rio, a fisionomia discreta das casas e das colinas distantes da Outra Banda, num halo misterioso de poesia e de sonho. Àquela hora triste do poente, os perfis descarnados dos grandes pavilhões surgiam espectrais aos nossos olhos. Uma ou outra árvore isolada, onde fôra a canção portuguesa das «Aldeias», torcia-se num esgar irónico sôbre a estrada. Pairava na atmosfera um silêncio de morte e havia já, por tôda a vastidão do local, um perfume de passado — o melancólico «perfume do frasco vasio» que se abre de repente, num momento de evocação e de saüdade...

Então, no mais íntimo dos nossos pensamentos, desejámos que tudo aquilo desaparecesse breve, que terminasse duma vez para sempre aquela agonia dolorosa e prolongada. De tudo quanto fôra glória, beleza, festa, alegria da alma e do coração — apenas vimos nessa tarde, uma imagem distante e tão diferente. Tal e qual como na vida, tal e qual como acontece com certas mulheres que não têm o direito de envelhecer — a Exposição não podia desaparecer assim, a pouco e pouco, deixando-nos no espírito uma noção irremediável de fim e de definitivo.

Agora, porém, que o último camartelo vai derrubar a última pedra, recordámos, mais vivamente ainda, o sortilégio magnífico da Exposição, o que ela nos trouxe de enriquecimento, de valorização de nós — próprios, o sentido poético de milagre que ela representou. E considerámos que a Exposição afinal, não termina, que «a Exposição continua»; a sua lição persiste no nosso espírito como um constante incentivo e como uma grande saüdade que é, pelo que vale e pelo que traz consigo, uma saüdade que se volve em esperança.

LUIZ FORJAZ TRIGUEIROS

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — África: 12 meses (48 números) — 60$00.
Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.
Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.
COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand, (Irmãos), L.da — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.° — Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

Lisboa, cidade futura

por Carlos Selvagem

ARA o alfacinha de gêma ou para o simples arribadiço que nela um dia assentou arraiais, Lisboa, esta nossa melancólica, romântica e patusca Lisboa, é um amor sempre vivo e um tema sempre actual.

As suas frustes belezas, os seus modestos esplendores, os seus humildes arcaísmos, tôda a sua dolente e gárrula graça de pôrto de mar levantino, de tal modo se apoderam sempre da alma e dos nervos do seu íncola castiço, que para êle não existe, em tôda a roda do Orbe, burgo que mais se lhe avantaje.

Mas a Guerra, a guerra de hoje; êsse Moloch mecânico a óleos pesados, que lá fora ruge, assolador, devorando em horas tesouros de séculos, a Guerra fêz do velho burgo afonsino, mais do que um tema bairrista, uma curiosidade europeia, uma actualidade mundial.

Por um jôgo de fatalidades que escapavam às mais delirantes previsões, a barrica de pólvora de Dantzig, reboando no outro polo europeu, tornou em poucos meses, esta bisonha e sonolenta urbe, numa espécie de encruzilhada, acampamento e entroncamento de todos os caminhos dum hemisfério para não dizer de todos os caminhos do Globo.

De novo Lisboa, de simples capital de quarta ordem, se vê guindada, por acaso e de improviso, às proporções duma Babel de circunstância, Cosmópole grulhante e exótica de gentes das sete partidas do Mundo.

Não estamos evidentemente no tempo das Armadas que iam à tomada de Tunis sob o signo imperial de Carlos V — o tempo em que as ribas do Tejo eram o alfôbre de todos os deslumbramentos do Oriente e a faustuosa quermesse de tôdas as cobiças do Ocidente, êsse tempo glorioso em que, no dizer do Poeta, **Lisboa, a nobre Lisboa fàcilmente no mundo era princesa.**

As suas ribas ilustres não confluem já necessàriamente os mercadores, viajantes e grumetes de todos os portos do Norte e do Levante, por simples avidez de negócio, curiosidade de espírito, ou tentação de gôso no esplendor asiático do Empório da Pimenta.

Hoje, nesta Europa 1941, as caravanas que diàriamente se vazam nas suas ruas e praças são-no de gentes espavoridas e pávidas, destroçadas, despaizadas, que aqui arribam, sabe Deus como, míseros salvados dum temeroso naufrágio, em demanda de não se sabe que ignota Terra de Promissão.

Chegam em bandos, em enxurrada, ou dia a dia, por conta-gôtas, ao sabor do bamburrio dramático dos passaportes, arrazados de corpo e alma, esvaïzados já de esperanças e ambições.

É vê-los por essas ruas, deambulando, à deriva, desocupados, como vádios, sem sentido e sem destino, trazendo ainda nos olhos um ar de espanto e de tragédia. Vieram de terra em terra, de rustilhão, rolando como calhaus, segundo a lei do menor esfôrço, pelo pendor de maior declive, até se quedarem, exaustos, por algum tempo, no remanso dêstes céus **onde a terra se acaba e o mar começa.**

E foi precisamente êsse natural pendor geográfico, essa linha obrigatória de invasão, êsse espontâneo engrossar de enxurrada humana o que de súbito restituiu a quási ignorada Lisboa do «Venturoso» e do trato das Índias à sua secular tradição de Entrepôsto e Cais da Europa, desde logo lhe desenhando em imprecisas linhas um novo destino europeu que já decerto não vem longe.

É que, decerto, o cataclismo de hoje, como tôdas as grandes convulsões da História, há-de ter um dia o seu fim. Venha perto ou venha longe o desempate do jôgo, resolva-se o trágico «imbróglio» no próximo outono ou no próximo biénio, em qualquer caso as leis imprescriptíveis da Vida hão-de restabelecer um dia sôbre os escombros fumegantes do mundo, uma nova Ordem, um novo Sistema, um novo Direito à vida e ao natural comércio dos homens.

Qualquer, porém, que seja o resultado do «match», não é difícil prever que Lisboa, a nossa inocente Lisboa das guitarras e das varinas, pelos elementares motivos que dela agora fizeram a caleira de vazão de tôda a escorralha europeia, voltará talvez a ser, numa Europa restaurada, o natural entrepôsto do Continente, a sua Estação «términus» sôbre o Atlântico, o seu Cais e Aero-pôrto, por excelência.

O seu aero-pôrto, por excelência! **«Lo que las ciencias adelantan és una barbaridad»** — cantava o D. Hilarion da «Verbena», com sua embófia de boticário. As circunstâncias alteraram tràgicamente esta copla — porque **lo que adelantan las guerras és barbaridad** maior ainda.

Assim, a aviação, pelo vertiginoso impulso que lhe tem dado o génio de despêro da guerra tornar-se-á decerto, adaptada aos labôres da paz, o meio de transporte usual entre as nações e os continentes.

Não é necessário um grande esfôrço de imaginação para admitir sem reservas, que imediatamente após a guerra serão os grandes aviões transoceânicos o veículo preferido do tráfico intercontinental. E a estrutura aero-naval das futuras naves voadoras não poderá prescindir de adequados ancoradouros e desembarcadouros em ambas as margens do fôsso atlântico.

Ora, já pela sua posição extrema no promontório europeu, já pelas sólidas provas que o estuário do Tejo vem dando, não é temerário antever que venha a ser Lisboa, na Europa, a cidade eleita do tempo de paz, como, pela fôrça das circunstâncias o fôra já no tempo de guerra.

Diàriamente, uma turba taful, cosmopolita, azafamada, aguilhoada pelo demónio do lucro ou do prazer, será na ida e na volta, vazada em Lisboa, terá de pisar os seus asfaltos, servir-se dos seus hoteis, misturar-se, por algumas horas ou alguns dias, à vida habitual da cidade. Freqüentará os seus restaurantes, os seus cinemas, os seus balneários, os seus armazens; servir-se-há dos seus táxis, dos seus cafés, dos seus bares, dos seus «cabarets» — e não já com a conformação fatalista de foragidos, se não com as exigências ásperas de clientela rica. Exigirá, pois, um nível de vida, em ritmo ágil, uma desenvoltura de maneiras, um regime de circulação, a que vem habituada e que não saberá dispensar.

Estremeçam nas suas tumbas os visionários austéros, que renegavam duma Lisboa tornada doca e balcão, casino e bordel do forasteiro internacional.

Os fados cumprir-se-ão, — se tal fôr o destino de Lisboa no alvorecer da nova Idade.

Mas, em verdade, estará Lisboa, a nossa boa, ronceira e vetusta Lisboa, fisicamente ataviada, preparada para tão altas cavalarias? Terá ela pulmões e fôlego, para tão dinâmico e aventuroso destino?

Merecerá ela, realmente, tal qual hoje se oferece aos olhos do viajante incauto, o brilhante papel que será talvez chamada a desempenhar nos pródromos da próxima reconstrução dum mundo ultra-moderno?

Decerto, êste problema envolve já outro, de mais profundas raízes e mais vastas prespectivas, que por contender com a Nação, não cabe sequer formular na desenfadada leveza destas páginas.

Restrinjamo-nos, pois, modestamente ao âmbito das nossas considerações de momento.

Há pouco mais de meio século, o geógrafo Réclus escrevia que era do estuário do Tejo ou, melhor, da Outra Banda, que se devia gozar o panorama da cidade. Vista assim, de longe, com as suas tôrres e cúpulas, o casario das suas colinas, seus jardins e passeios, Lisboa oferecia, em verdade, um espectáculo imponente que bem justificava o rifão:

«Quem não viu Lisboa
Não viu cousa boa».

«Mas não é menos certo — acrescentou logo o geógrafo — **que o interior da soberba metrópole de modo nenhum corresponde à sua majestosa beleza exterior».**

E, muito aqui à puridade, pese embora a todos nós, lídimos alfacinhas ou seus filhotes adoptivos, o que o severo geógrafo há pouco mais de meio século escrevia, é hoje ainda quási uma verdade.

Há três anos, quem estas linhas rabisca, regressando aos pátrios lares, a bordo de um navio inglês, entrou a barra por uma manhã de fevereiro, uma dessas manhãs luminosas e frias que dão à extrema secura do ar a transparência nítida e fina do cristal.

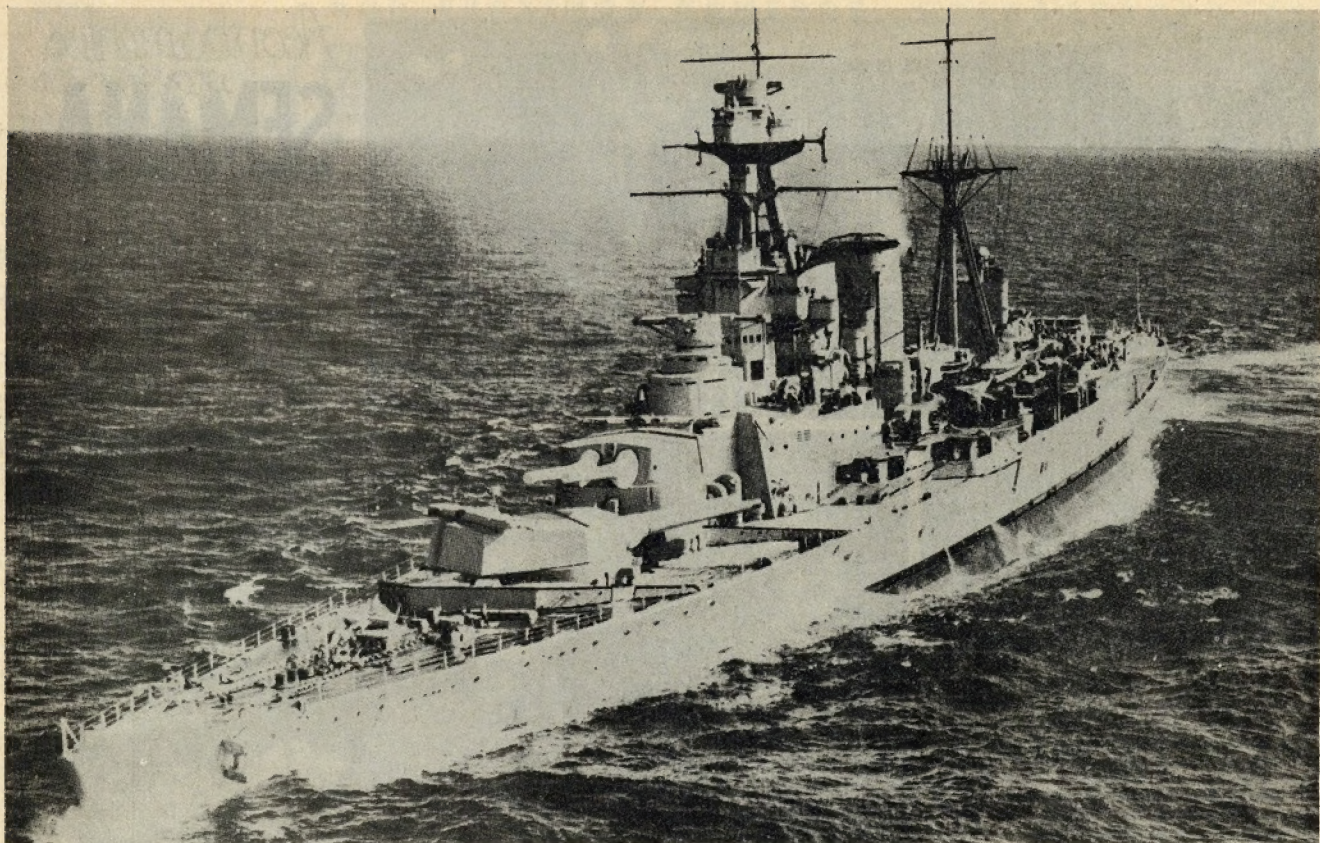
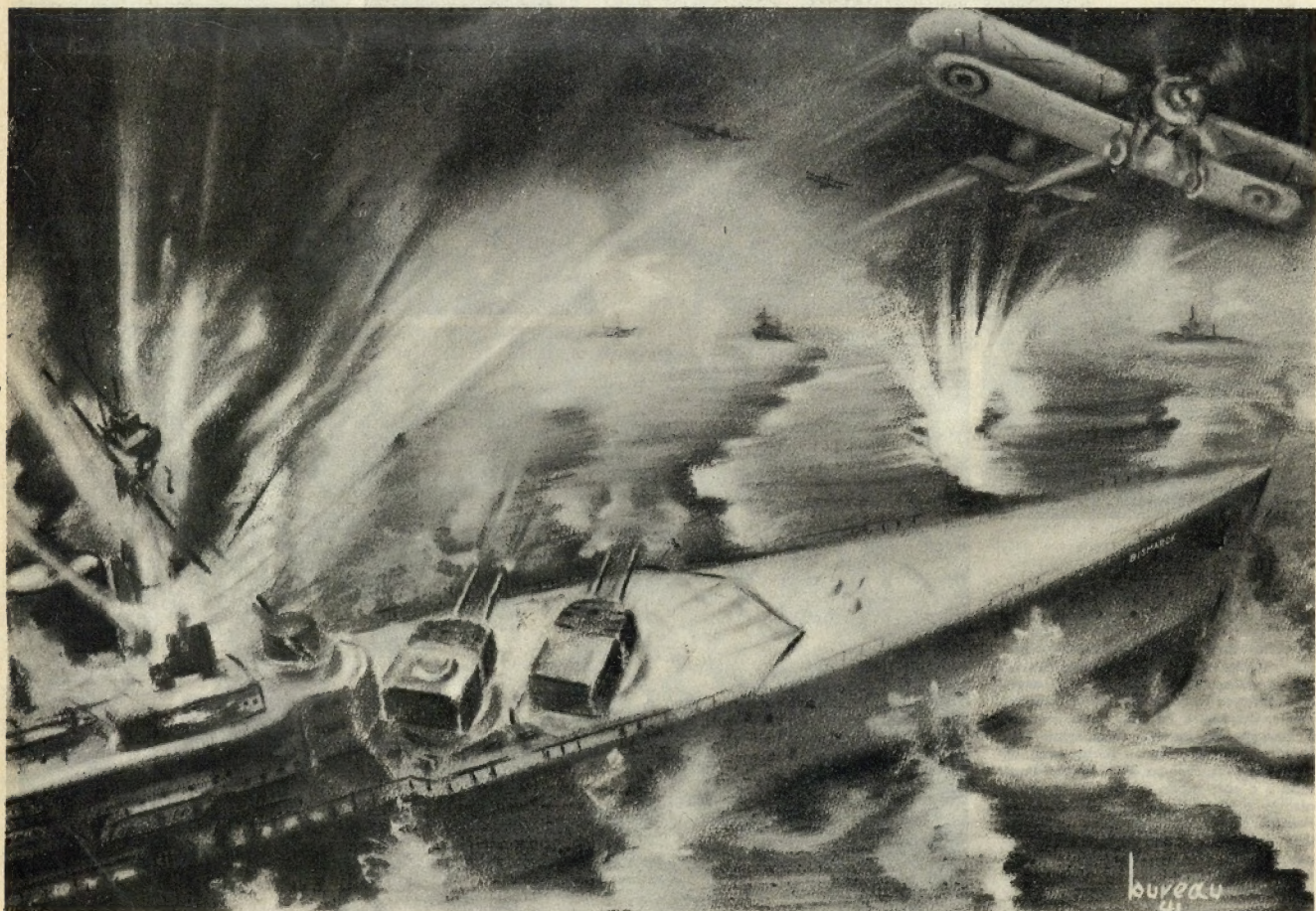
(Conclue na pág. 12)

Acontecimentos da SEMANA

A SEMANA DAS COLÓNIAS inaugurou-se, há dias, na Sociedade de Geografia, com uma sessão solene, durante a qual fêz uma conferência o ilustre colonialista sr. dr. Nunes de Oliveira, antigo governador de Moçambique.

O SUB-SECRETÁRIO DE ESTADO DA GUERRA recebeu no seu gabinete altas figuras militares que foram assistir à posse dos novos ajudante-general e administrador geral do Exército, respectivamente, srs. generais Fernando Borges e Aníbal Passos e Sousa, que se vêem na foto com aquêle membro do Govêrno no momento em que o sr. capitão Santos Costa discursava.

O SR. MAURICE LEGENDRE, professor de História e director da Casa Velasquez, de Madrid, pronunciou no Instituto Francês em Portugal, e perante numerosa assistência, uma notável conferência sôbre o papel de Henri Bergson na formação do pensamento francês.

A EMISSORA NACIONAL, com a colaboração da F.N.A.T., continua a organizar, com muito êxito, as suas «Horas de Arte» destinadas a operários — iniciativa que merece os melhores louvores. A última foi dedicada ao pessoal da Imprensa Nacional e nela colaboraram a Orquestra Popular da E. N., sob a direcção do maestro Venceslau Pinto, que executou música portuguesa, os cantores Luiz Piçarra e D. Julieta Boavida e o côro mixto da Emissora, organizado e dirigido pelo professor Dias Pombo. No final, foram lidos os trabalhos premiados nuns Jogos Florais recentemente organizados pelo Grupo Desportivo e Recreativo do Pessoal da Imprensa Nacional e aprovados por um júri constituído pela senhora D. Manuela Pôrto e pelos escritores João Gaspar Simões e José Régio.

A MAIOR ACÇÃO NAVAL DESTA GUERRA ENTRE UNIDADES DE SUPERFÍCIE ALEMÃS E INGLÊSAS — Fotografia, tirada de bordo dum avião, do cruzador de batalha «Hood», o maior navio de guerra da Grã-Bretanha e do Mundo, que foi afundado pelo «Bismarck» ao largo da Islândia, após um violento, mas curto combate. O «Hood» entrara ao serviço em 1920, deslocava 42.100 toneladas, tinha 202 metros de comprido e mais de 1.300 homens de equipagem.

O MOMENTO CULMINANTE DO ATAQUE QUE PRECEDEU O AFUNDAMENTO DO «BISMARCK» — Descoberto e atingido pelas fôrças britânicas de mar e ar, o grande couraçado alemão, que três dias antes afundara o «Hood», sucumbe a 400 milhas de Brest, após uma perseguição movimentada, que ficará célebre na história da guerra naval. (Reconstituição feita pelo distinto artista Fernando Bureau, segundo os elementos fornecidos pelos comunicados oficiais).

Quando o "HOOD" esteve na Madeira

HÁ SETE ANOS — em tempo de paz — o «Hood» esteve na baía do Funchal. Nesta página, recordam-se os principais passos da visita à Madeira do maior barco de guerra do Mundo. Era então ilustre governador civil do Funchal o sr. dr. Caldeira Coelho, que se vê a entrar a bordo do «Hood» (à direita); a passar revista à guarda de honra, ao lado do almirante James (em baixo, à esquerda); e a regressar a terra numa vedeta inglesa (em baixo, à direita). Ao fundo da página, uma fotografia para a História: o «Hood» na baía do Funchal, durante a visita que ali fêz, em 1934.

MÁRIO, O SORRIDENTE

NOVELA DE Cristiano Lima

ESTAVAM vinte pessoas, homens e mulheres, na mesma sala de sombrio aspecto. Um dêles falava. Os outros, em regra, escutavam e riam. O que falava era tagarela infalível; os que o escutavam beneficiavam daquela insuficiência moral e da mediocridade mental necessárias para se ser feliz na vida, sem grandes despesas, nem porfiados esforços.

O que falava era, de nome próprio, António. E o assunto que êle tratava era sempre o mesmo: a vida de Mário, em várias épocas e nalguns episódios.

Era o António, gordo. E sangüíneo. E optimista. O Mário que êle biografava, em fragmentos de vida, estava presente. E na mesma sala. Mantinha-se impassível, sem que houvesse, nessa atitude, indulgência ou estoicismo. Mantinha-se impassível, porque não o ouvia. E não por surdez. É que estava na situação em que indiscutivelmente não podia ouvir. O Mário era cadáver e encontrava-se, naquela sala, dentro dum caixão. E a sala era sombria porque estava armada em câmara ardente (inútil dizer que as paredes da sala estavam de negro panejadas).

— Foi sempre assim — afirmava o António. (Não queria êle dizer, com isso, que o Mário fôra sempre cadáver. E, ou para evitar confusões ou por ter opinião desagradável das pessoas que o escutavam, ou ainda para ser gracioso, esclareceu a sua afirmação). Quando digo que êle foi sempre assim, não quero afirmar que êle fôsse sempre cadáver.

As pessoas que o escutavam riram — riram com exagêro. Procederam, assim, para demonstrar que não eram tôlas e para acentuar a sua amizade pelo morto. Tôlas, eram. Amigas do morto, pelo menos, pretendiam sê-lo.

Não riam, evidentemente, porque o amigo era cadáver, mas porque se celebrava o pitoresco que, em vida, constituíra a sua personalidade.

Não eram, sequer, originais no seu aparente e risonho conformismo em presença da perda do amigo. Eram pessoas que encaravam as coisas pelo ângulo mais propício à boa disposição. As coisas e as pessoas. E, das pessoas, aquele simpatiquíssimo e defunto Mário, homem de trato agradável e, extremamente, de bom aspecto.

O Mário fôra um ser delicioso. Neutro, sem rigor na sua atitude; pelo contrário, fôra neutro com larga indulgência. Nunca tivera uma opinião clara. E fazia-lhe impressão as pessoas que, a propósito de tudo, gostavam de se defenir. Muitas vezes, na sua vida, honradíssima, vira pessoas degladiarem-se: tivera sempre um bom sorriso, um sorriso de larga complacência, mesmo quando se via metido entre dois fogos, isto é, entre duas ideias que gritavam, barafustavam e se insultavam mutuamente.

O António escolhera aquele momento, para falar do Mário. Agora que êle estava morto era, no seu critério, a ocasião mais azada para lhe prestar justiça. Os vivos ocupam espaço, preenchem lugares, têm interêsses. Os mortos, não. Em regra, as paixões que êles desencadeiam em vida, cessam com a sua desaparição. Ora Mário, em vida, nunca provocara paixões. Nem as atenuara, como era próprio da sua natureza profundamente neutra.

António, como biógrafo, era honesto, rendia à verdade respeito solene. E, só por isso, falou assim do amigo:

— Era avarento. Tinha essa pecha terrível. Os avarentos, em regra, são antipáticos. Êsse atributo humano engendra um egoísmo feroz. Pois êle conseguiu sempre ser um avarento simpático.

Pareceu às dezanove escutantes pessoas paradoxo atrevido isto de se poder ser avarento simpático.

António — e nisso procedeu avisadamente — entendeu necessário o seu acêrto justificar. E justificou-o assim:

— Nunca deu esmola a um pobre. Mas ninguém, como êle, sabia sorrir para um mendigo. E sorrir tão substancialmente! Havia, no seu sorriso, simpatia... amizade... compaixão!...

O António comentou:

— Bem sei que o sorriso do Mário não punha, ao mendigo, carne na panela. Nem tão pouco possuía o poder de iluminar a furna onde êle morava. Mas agradava-lhe! Impressionava-o. Chegava a comovê-lo. E a tal ponto que êsse português, esfarrapado e faminto, agradecia a esmola como se a tivesse recebido.

As dezanove pessoas olharam para o António, encararam o caixão e riram bem dispostas. De facto, conseguir que o mendigo agradeça a esmola que não recebe era proeza engraçadíssima. E indiscutivelmente económica.

Quando os seus ouvintes cessaram de sorrir, o António prosseguiu na sua tarefa, com grande escrúpulo executada, de biógrafo:

— Êste esplêndido, êste admirável Mário tinha outro defeito: era incapaz de fazer bem a qualquer pessoa, sem que disso pudesse tirar, para êle, qualquer vantagem concreta. Director de duas empresas, assediavam-no muitas pessoas a pedir-lhe colocação. Pretendentes tristes como todos os que querem, para poder comer, trabalhar. Uns, insofridos porque, atrás dêles, ficavam mulheres já sem coquetismo, nem beleza, crianças sem ar, nem alegria; outros, imploravtivos, exprimindo, em lágrimas, a sua dôr e a sua miséria. O Mário fazia-os esperar nas duas ante-câmaras dos seus dois gabinetes directoriais. E não era por maldade que os obrigava a perder algumas horas até serem recebidos. Nem porque tivesse muito que fazer. O esfôrço e a fadiga repugnavam à sua natureza de neutro. Queria apiedá-los sôbre a sua triste situação de pessoa afortunada e bem colocada na vida. E quando êles entravam, no seu gabinete, conseguia êste milagre: fazer apiedar da sua sorte de homem rico os miseráveis que eram, na vida, desditosos. Recebia-os o Mário fraternalmente, de braços abertos (tinha uns braços enormes, o Mário). E de tal maneira os convencia da sua impossibilidade em os atender, do desgôsto que sofria por causa disso, que os desgraçados se comoviam até às lágrimas, não pela sua própria situação, mas pela daquele homem rico, tão bom, tão generoso, que imenso sofria por deixar na miséria os pobres. Quando êles se retiravam, chorosos, o Mário, gentilíssimo, acompanhava-os até à porta com um sorriso largo de compaixão, um inimitável sorriso de impossibilidade...

Calou-se o António sem ter o propósito de imitar as dezanove pessoas que mudamente o escutavam. Calou-se para ganhar fôlego. E, quando o ganhou, prosseguiu:

— Procurei-o um dia para me desempenhar duma triste obrigação de amigo. O Mário perdera o pai por morte. Tinha de lhe dar os pêsames. Esperei três horas que me recebesse — a mim, o seu amigo íntimo. Julgava encontrá-lo esmagado por aquela fatalidade que o atingia, da maneira mais directa, no seu coração. Enganei-me. O Mário recebeu-me mais sorridente do que nunca. (O pai deixara-lhe uma grande fortuna). E o meu querido Mário sorria largamente, corajosamente a essa desgraça irreparável!...

As dezanove pessoas, que não eram muito atiladas, em silêncio e com desconfiança, encararam o António. Êle, com certeza, zombava. Uma delas, que privara hora e meia com dama francesa de má reputação moral, ciciara: «o António está a fazer «blague».

Engano puríssimo. O António não fizera «blague». O seu espírito subtil de analista penetrante adivinhara, nos seus atentos ouvintes, essa desconfiança. E triunfalmente a desfez:

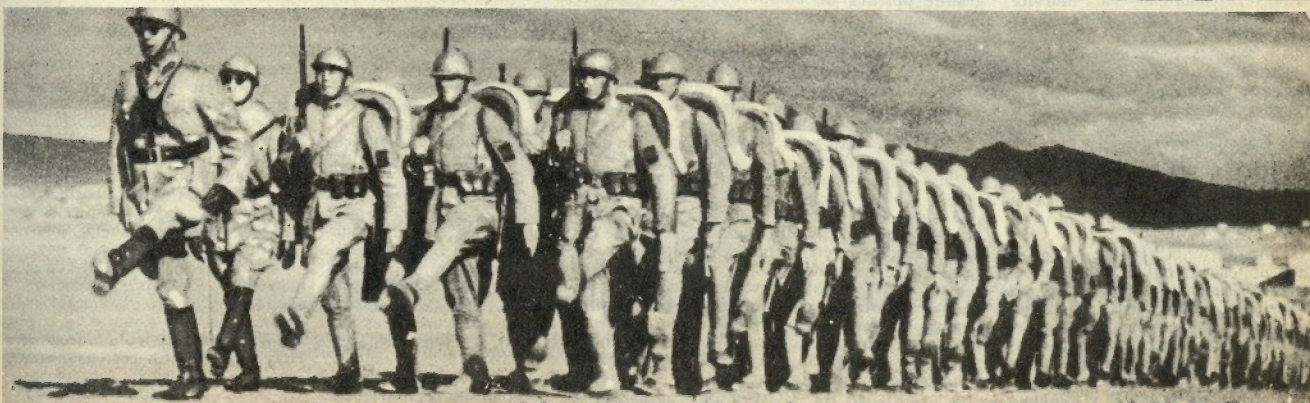
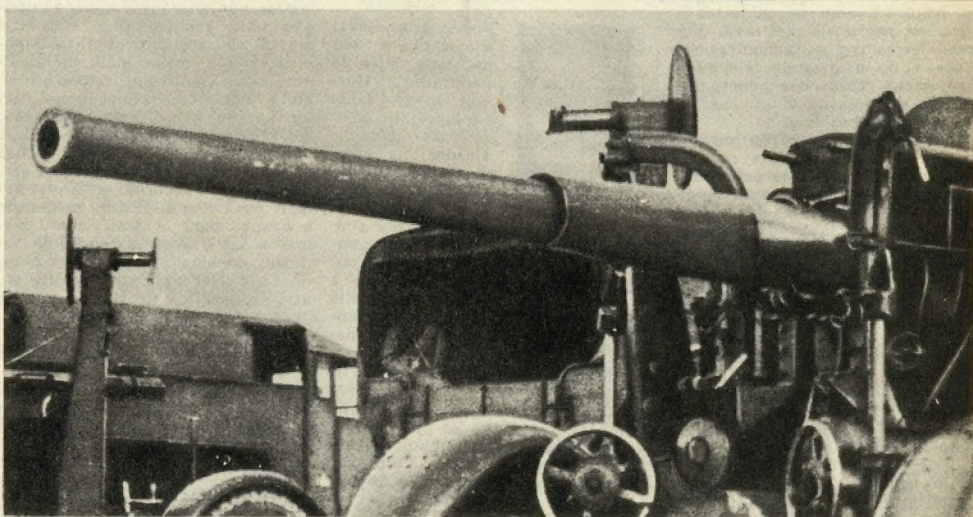
— Creiam que êle estimava o pai. Sorria, porque era o seu feitio. E, se duvidam, reparem.

Estendeu um dedo a apontar o caixão.

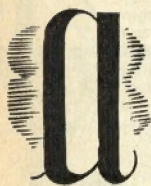
Dezanove pares de olhos verificaram que, dentro da urna, na sua circunstancial palidez, o Mário sorria beatificamente. Sorria à Morte. Inùtilmente, é certo. Mas sorria...

...não quero afirmar que êle fôsse sempre cadáver.

A fôrça militar da TURQUIA

A TURQUIA, TERRA DA EUROPA E DA ÁSIA, continua a ser o grande enigma balcânico desta guerra. Entretanto, o seu potencial bélico aumenta mês, a mês, e o seu grande exército, em contínuas manobras, apura a sua preparação. Equipados e instruídos à europeia, os soldados turcos constituem uma fôrça considerável, não só pelo seu valor próprio, como pelo moral que lhe insuflou o reconstrutor da Turquia moderna, Kemal Ataturk. Em cima, vemos um desfile da famosa cavalaria turca. À direita, a artelharia motorizada. Em baixo, um destacamento de infantaria em impecável formação de parada militar.

Panorama Internacional

DOIS DUELOS HISTÓRICOS

por Francisco Velloso

As paixões que as pugnas guerreiras, como os desafios de *foot-ball* ou de *box*, sempre pro vocam no anfiteatro imenso do mundo, tiveram na semana agora finda fartos motivos de sobrexcitação e alarido. No comum, o que interessa ao público é apostar. Quem vence e quem não vence — eis a questão. O problema essencial dêste conflito enorme que passa a esfusiar como rajada numa viragem de dois quartos de século que valem por duas grandes épocas da civilização, ignora-o — simplesmente porque não cabe no curto espaço, quadrado ou redondo, duma mesa de café, ao fim da tarde, quando as fôlhas vespertinas gritam em normandos ou itálicos o pregão das notícias mais recentes.

Assim sucedeu com a destruição terrível do *Hood*, o maior couraçado das esquadras de tôdas as nações, pelo *Bismarck*, o primor da armada alemã, e depois com a perseguição tenaz e sufocante e o afundamento dêste último pela esquadra britânica com as caldeiras a arder ao rubro da desforra. Foi lance desportivo de primeiras selecções e, no mais agudo dêle, ouvimos certo entusiasta comparar assim a vindicta naval inglêsa:

— Até parece o *Benfica!*...

Quási ninguém reparou no heroísmo dos combatentes e em que as tripulações engulidas pelo oceano, naqueles pávidos naufrágios, somam dois grandes chefes navais e cêrca de três mil vidas. A própria defesa de Creta — que os inglêses faziam já precàriamente nos últimos dias de Maio — foi remetida a plano de menor atenção, ela que, além de lições militares quási definitivas para os métodos e processos usados nesta guerra, envolve no seu resultado o grave destino do Mediterrâneo oriental e inicia no cenário desta luta de colossos o novo drama do destino de Suez — a preciosa via de comunicação do Império britânico, cujo desimpedimento urgente obrigou o estado-maior da política londrina a suspender bruscamente a marcha triunfal de Wawell aos calcanhares do exército de Graziani em debandada e a desistir de uma ofensiva ao longo das costas do Adriático secundando a brilhante ofensiva de Papagos, na Albânia, cujo bom êxito já à vista teria modificado talvez a face da guerra, como outrora a ocupação de Salónica (um golpe do talento de Briand) deu azo a que Franchet d'Esperey vibrasse sôbre os exércitos do Kaiser *le coup de Jarnac*.

O primeiro ministro inglês já bateu no peito a culpa dêstes êrros. A penitência, como se sabe, pagaram-na no Iraque e na Síria e hão-de pagá-la mais além. Parece que, quanto ao país do petróleo, os inglêses ainda podem cantar vantagens, procurando neste momento restabelecer no possível a situação em parte, abalada, e em parte, perdida.

Por outro lado a maré da tensão anglo-americana com a França baixava visivelmente nos últimos dias. Não é de crer que se modificassem as posições. Mas verifica se que — após o discurso de Eden prevendo o bombardeamento da zona não-ocupada, as represálias de Washington sôbre a frota mercante francesa, as repercussões de desgôsto que a cedência dos aeródromos da Síria causou em parte das tropas do general Dentz, o risco dum assalto americano à Martínica e a Guadalupe, — o debate remitiu como as febres altas. Churchill declarava no dia 27 que não houvera no Próximo Oriente novos atritos. No entanto, a R. A. F. atacava e afundava no fim do mês navios de carga franceses, escoltados por italianos, que transportavam abastecimentos militares para Tripoli, e descarregava bombas sôbre transportes franceses surtos no pôrto de Sfax, na Tunísia, demonstrações preliminares de que o ministro dos Negócios Estrangeiros inglês não lançara ameaças ao ar, a ver de que bandas assoprava o vento.

NAS PÈGADAS DE BISMARCK

LAVAL

Pouco antes, Laval quebrara o seu apostado silêncio acudindo a reforçar, em uma espécie de réplica-apêlo aos Estados Unidos, as anteriores afirmações do almirante Darlan. Como êste, começou por acusar a América do Norte de responsável na desgraça da França, por não a haver socorrido durante a guerra — ponto obscuro a derimir pela história. Mas a parte importante da sua fala é aquela em que, depois de acentuar que «em nenhum momento e por nenhum gesto, os alemãis adoptaram uma atitude susceptível de ferir o seu orgulho de francês», disse que «a paz que êle espera e na qual crê, depois da sua entrevista com o *Führer*, é uma paz de honra e de justiça, uma paz permitindo à França associar se à grande política de colaboração na Nova Europa». Ora esta paz tem evidentemente, por base, a convicção da vitória total alemã, e, por condição, uma colaboração — cuja natureza Laval não definiu — entre a França e a Alemanha, a qual envolve um pacto bilateral de concessões e vantagens recíprocas. Quem o estranhará?

Uma vez estabelecida essa convicção, a política francesa não pode ser diferente da que Laval vem preconisando e realizando: a paz com o vencedor mais forte, salvando o máximo do que puder ser salvo. Sem essa convicção, ou com a contrária, a política da França ou reduz-se às resistências inermes para ganhar tempo e alimentar a população, ou entra na zona perigosa das insurreições.

A orientação de Vichy é a primeira. Está provado que o povo francês, até hoje, a aceita. Os pactos de Montoire e de Berchtesgarden são perfeitamente lógicos.

Hitler, por sua vez, faz com a França uma política inteligente e hábil de aproveitamento. Sem deslocar um milímetro a sua posição de vencedor, explora o aborrecimento geral, a anglofobia dos chefes dirigentes, e separa vantajosamente a França da Inglaterra. «Nós temos necessidade da França como grande potência — dizia Bismarck em Fevereiro de 87 a Schweinitz. Jàmais procuraremos destruí-la. Seria desesperada tentativa. Mas, se ela conservasse a sua fôrça ou a retomasse após um curto colapso, e se a sua vizinhança continuasse a inquietar-nos, aconselharíamos — no caso de uma guerra próxima nos deixar vitoriosos — a que se pouparse esta nação como poupámos a Áustria em 1866.» E já em 80 escrevia a Hohenlohe: «O nosso campo de entendimento com a França estende se desde a Guiné até à Bélgica e cobre todos os países latinos. Se a França julga que um alargamento da sua base de operações (tratava-se como hoje da questão do regime político) é conforme aos seus interêsses, pode contar não só com a nossa abstenção para realizar êsse objectivo mas ainda, segundo as circunstâncias, com o nosso apoio. Só pedimos uma coisa em troca: o respeito pela nossa situação na Alemanha. Só temos uma pretensão: ser senhores em nossa casa.»

Entre 1880 e 1941, há apenas uma diferença: a de que a casa germânica se denomina a Nova Ordem na Europa. Hitler, poupando a França para a atrair, como Bismarck fêz à Áustria depois de Sadowa, decalca apenas as pègadas do Chanceler de Ferro, mestre genial da política de Berlim — a de ontem, a de hoje, a de amanhã.

POSTOS DE COMBATE

RAEDER

No rastro do *Führer*, veio o chefe da armada alemã, o almirante Raeder, quási simultâneo à réplica de Laval aos Estados Unidos, diluir dúvidas sôbre a maneira como a Alemanha encarará o gesto de Roosevelt ao fazer entrar o seu país em combate, sem declaração de guerra, pois esta seria apenas o acto formal duma situação de conflito que só não se chama de guerra porque ainda não há fogo.

Mas foi precisamente por uma referência a tiros que o almirante começou as suas afirmações (levadas ao conhecimento mundial, *et pour cause*, através de Tóquio, como para que na Casa Branca melhor o entendessem). E, agora privado da maior parte das suas unidades de batalha, rompeu as suas minazes advertências. «Ao que diz respeito aos comboios, só posso confirmar a opinião do presidente Roosevelt quando disse que combóios são sinónimos de tiros». E depois de avisar que a armada alemã atacará os barcos de guerra em patrulha ou em escolta, devolveu a responsabilidade das consequências «àqueles que seguem propositadamente para o local onde se faz fogo, menosprezando os avisos alemães e os desejos da maioria do povo americano».

Raeder, como se vê, não fêz apenas advertências ao almirantado norte-americano. Praticou um acto político, indicado pelo *Führer*, na hora exacta em que — segundo parece — a batalha do Atlântico pode transformar-se efectivamente de um tiroteio de palavras em troca de granadas e torpêdos. O chefe da armada alemã apontou já as suas grandes peças e tubos mais para além do que à primeira vista se enxerga. «Como a guerra não chega à América, disse êle, o partido da guerra americano é obrigado a correr atrás dela e procurar o perigo a milhares de milhas de distância do continente americano para poder, em seguida, considerar se ameaçado e provocar os incidentes desejados».

O ÚLTIMO TIRO

FREYBERG

Cordell Hull teimára antes em que, houvesse o que houvesse, os fornecimentos à Inglaterra chegariam ao seu destino. Os não-intervencionistas faziam seus últimos aprestos para uma resistência à guerra e o ministro retorquindo a Raeder, virou-lhe a ponta das alusões, dizendo qeu estas «continham ameaças, cuja finalidade era levar a América a refrear os seus esforços de defesa, até que a Alemanha tivesse o domínio dos mares e de todos os continentes, excepto o americano». E acrescentou: «Esta foi a tática usada para os países europeus, fazendo que nêles não cuidassem eficientemente dos seus esforços de defesa, até que Hitler estivesse pronto para agir».

O estrondo temível da explosão que fêz desaparecer o *Hood* nas proximidades da Groelândia sobreveio nêste meio tempo e na linha de segurança da navegação, e não serviu os isolacionistas. Um jornalista de renome comentava logo: «O *Hood* foi afundado quando defendia as águas norte-americanas». E o contra-almirante Stirling concluiu: «A guerra está muito próxima da zona de defesa do nosso hemisfério».

Roosevelt que já andava a preparar a nova «palestra à lareira», teve de alterá-la, e dar-lhe fórma positiva de discurso e apêlo. Pela madrugada de 28, os nossos ouvidos, ainda ressoados das declarações com que Churchill anunciára o afundamento do *Bismarck* entre aclamações dos Comuns, e a gesta desesperada das tropas do general Freyberg na ilha cretense, escuta-

(Conclue na pág. 12)

Aspectos da acção Italiana na Guerra

OS REGIMENTOS DE «BERSAGLIERI» têm-se tornado famosos nesta guerra pela sua intervenção em várias «frentes» de batalha. Foram destacamentos dêstes soldados que operaram, na região do lago Ocrida, a junção dos exércitos italianos com a divisão alemã «Adolfo Hitler» que avançava na Iugoslávia. A foto mostra-nos um pormenor dêsse encontro, vendo-se as colunas motorizadas de «bersaglieri» a atravessar um rio, próximo daquêle lago.

UM SUBMARINO ITALIANO, recemchegado à base, após um longo cruzeiro no Atlântico, é cuidadosamente revisto e municiado antes de entrar novamente em acção, após o descanso da equipagem.

NAVIOS DE GUERRA IUGOSLAVOS e pequenos barcos auxiliares que foram apresados em Cattare pelas fôrças navais italianas, durante a recente campanha balcânica.

UM CRUZADOR ITALIANO dispara as suas peças durante um dos combates travados no Mediterrâneo Oriental, nas proximidades de Creta, com unidades de superfície inglêsas.

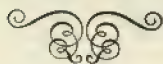
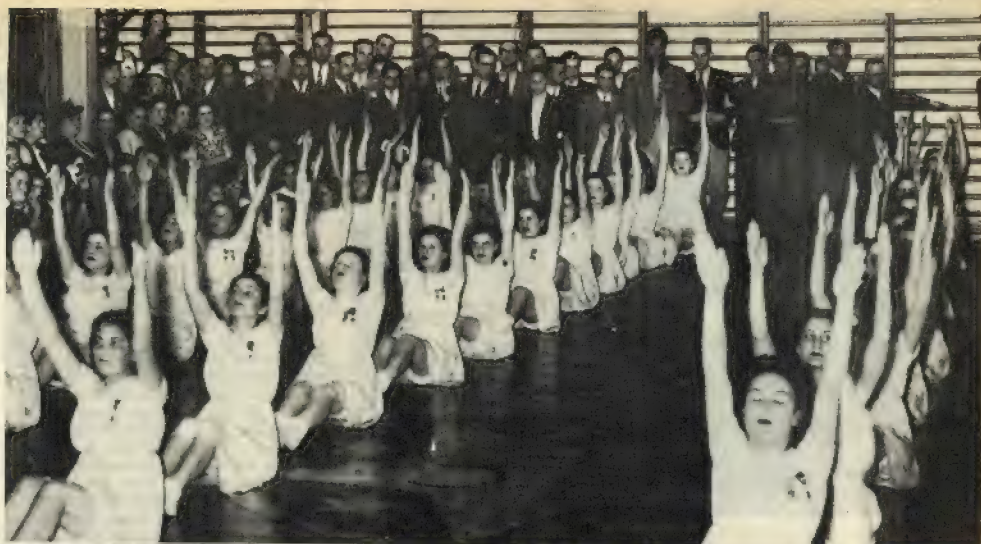
UMA PONTE E A RESPECTIVA LINHA FERROVIÁRIA que sôbre ela passava são destruídas por uma bomba dum avião italiano num «raid» sôbre território inimigo. A foto mostra o instante da explosão.

Vida PORTUGUESA

O ARQUITECTO CONTINELLI TELMO foi homenageado com um banquete promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos. Mais de cem convivas e muitas outras pessoas que não puderam comparecer testemunharam ao distinto artista o aprêço em que têm as suas altas qualidades. Na foto, Cotinelli Telmo tem à sua direita o sr. António Ferro, e à sua esquerda os srs. arquitecto Pardal Monteiro, que presidiu ao banquete, e dr. Augusto de Castro.

O 28 DE MAIO — 15.º aniversário da Revolução Nacional — foi comemorado em todo o País com várias solenidades. Em Lisboa e no Teatro Nacional D. Maria II, efectuou-se uma entusiástica sessão solene promovida pela União Nacional, a que presidiu o sr. Ministro do Interior, e na qual discursaram, além do sr. dr. Mário Pais de Sousa, os srs. dr. Albino dos Reis, dr. Castro Fernandes, comandante Tenreiro, tenente-coronel Luna de Oliveira e Eugénio de Castro, da M. P.. À direita: Um aspecto da assistência à sessão. Em cima: A mesa da presidência no palco do teatro, vistosamente engalanado.

NA COOPERATIVA MILITAR, o sr. sub-secretário de Estado da Guerra foi homenageado com um almôço a que presidiu, ladeado pelos srs. generais Daniel de Sousa, Vieira da Rocha, Peixoto e Cunha, Fernando Borges, Aníbal Passos e Sousa, Pereira dos Santos, Tasso de Miranda Cabral, Casimiro Teles, Monteiro de Barros e Gaudêncio Trindade. A festa, que decorreu num ambiente de grande camaradagem militar, foi largamente concorrida. A foto, à esquerda, mostra-nos o sr. capitão Santos Costa conversando, antes do banquete, com os srs. generais Vieira da Rocha e Miranda Cabral.

A CLASSE FEMININA de ginástica dos cursos da F. N. A. T. exibiu-se recentemente, com muito êxito, num sarau efectuado no Ginásio Clube Português (à direita).

O GRANDE ACTOR LOUIS JOUVET, glória do teatro e do cinema francesea, está em Lisboa, de passagem para a América do Sul, onde vai apresentar a sua companhia. Vêmo-lo em baixo, à esquerda, à sua chegada a Lisboa, ao lado de sua espôsa, Madeleine Orzay, e do director do Instituto Francês em Portugal, Raymond Warnier.

NO QUARTEL DOS MARINHEIROS, efectuou-se há dias, uma festa de filiados da Brigada Naval, a que persidiram os srs. General Casimiro Teles e comandante Tenreiro, que se vêem em cima, à direita.

O TEATRO DO POVO, iniciativa do S. P. N., começou a sua digressão êste ano com um espectáculo nos terrenos da Junqueira, em Lisboa. À esquerda, vemos os artistas Fernanda de Sousa e José Gamboa numa cena da peça «Ambição», da autoria do consagrado escritor Armando Vieira Pinto.

A 2.ª EXPOSIÇÃO NACIONAL DE FLORICULTURA, magnífico certame, patente ao público, num cenário de maravilha, na Tapada da Ajuda, foi inaugurada pelo sr. Presidente da República, com a assistência de vários membros do Govêrno e outras entidades. (Fotos obtidas com películas Ferrânia)

O SR. DR. MARIO DE FIGUEIREDO, ministro da Educação Nacional, esteve no Pôrto, onde inaugurou o Recinto Infantil «D. Maria do Carmo Carmona».

ASPECTO DA CERIMÓNIA DO ASSENTAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA para a construção, na capital do Norte, dum Bairro Municipal de Habitações Populares.

O PROFESSOR ARMANDO LEÇA efectuou no Palácio de Cristal do Pôrto uma conferência sôbre o «Fandango», que foi abrilhantada pelo coral da Associação Protectora da Infância.

Panorama internacional

Por FRANCISCO VELLOSO

(Conclusão da página oito)

ram as palavras do Chefe de Estado mais poderoso do mundo.

O presidente começou por duas revelações alarmantes: — a de que a guerra se aproximava das costas americanas, e de que «a presente velocidade dos afundamentos pelos *nazis* de navios mercantes é superior em mais de três vezes, à capacidade dos estaleiros britânicos para substituir essas perdas, e excede também o dôbro da actual produção combinada inglêsa e americana de navios mercantes». Pràticamente é a confissão do êxito alemão, e maior do que o de Von Tirpitz na Grande Guerra. Manifestando novamente que os Estados Unidos são já de facto inimigos da Alemanha declarou *casus belli* qualquer ataque ou tentativa alemães às ilhas portuguesas do Atlântico: — Açores e Cabo Verde.

E rematou:

«As nossas patrulhas auxiliam agora a assegurar a entrega à Inglaterra dos abastecimentos que necessitam. Serão tomadas tôdas as medidas adicionais necessárias para a entrega de tais mercadorias. Os nossos técnicos militares e navais estão a preparar todos os novos métodos ou combinações de métodos que possam ou devam ser utilizados. A entrega à Grã-Bretanha dos abastecimentos necessários é imperativa. Isto pode ser feito, deve ser feito, e será feito».

Era a resposta a Raeder. Em seguida, o presidente decretou o estado de emergência ilimitada, que, é o de preparação para a guerra — mas que não é ainda a guerra.

O duelo gigantesco travado entre o *Hood* e o *Bismarck*, repetira se dias depois noutro não menos ingente: — o duelo entre Raeder e Roosevelt. O último tiro fôra do Presidente. A fase do conflito, que vai seguir-se, cabe tôda nêste facto histórico que fazia dizer a Matsuoka na capital japonêsa: «Creio ter chegado o momento que sempre temi!», e que fará preguntar às ansiedades dos inglêses se terá chegado enfim o momento que êles esperam.

LISBOA, CIDADE FUTURA

Por CARLOS SELVAGEM

(Conclusão da segunda página)

Mas as névoas lentas do rio evaporavam-se ainda de leve, quando a soberba nave subia vagarosamente em busca do seu ancoradouro. O sol nascente, um sol ainda pálido e dôce de inverno, dourava dum nimbo de glória, os cimos ondulantes das colinas, as suas cúpulas e tôrres, a mancha multicolor do casario, enquanto que na sua base, ao réz de água, todos os contornos e aspectos réles dos cais, a chofra-nófea das docas, a parte baixa da cidade, desde os imundos barracões de Alcântara aos desmantelados hangares do Arsenal, se fundiam e esfumavam pudicamente nos rôlos de névoa dourada que das águas espelhentas subiam sempre. Era uma visão maravilhosa, de cidade suspensa nos ares, como de cidadela fantástica de fadas e deuses germânicos. A meu lado, um companheiro de viagem, que não conhecia Lisboa, absôrto no espectáculo, repetia maquinalmente:

«Oh! Beautiful! fascinating!»

Mas no dia seguinte, no «bar» do hotel onde descera, o seu entusiasmo tinha já esvaziado e engelhado, ao contacto da pobreza e vulgaridade dos aspectos citadinos.

Grave injustiça seria não se fazer aqui especial menção ao muito que, de há anos a esta parte, o Município e outros organismos do Estado têm feito pelo embelezamento e modernização de Lisboa. Os pavimentos, os arruamentos novos, os jardins, a iluminação, certas perspectivas, certos bairros, certos monumentos, tudo tem merecido, cautelosamente mas persistentemente, o cuidado, o afan, a vigilante intervenção das sucessivas edilidades.

Não menos grave injustiça cometeríamos, passando em claro a inteligente e amorável actividade cultural a que os «Amigos de Lisboa» carolamente se votam, no sentido de fomentarem uma espécie de devoção fanática pelas belezas e velharias do romântico e milenário burgo.

Mas «tout de même», o seu carácter tacanho e fruste de capital provinciana, mesmo nas modernas zonas, ditas das Avenidas Novas, é o seu mais feio pecado original. Se alguma coisa ainda lhe resta de certa nobreza urbana, é nas prespectivas dos seus blocos abstractos e frias, a Baixa Pombalina que todavia conta já quási dois séculos.

O resto, os românticos arcaísmos, o casticismo dos bairros populares, a poesia dos bêcos e alfurjas, só nós, indígenas, nos obstinamos em considerar cheios de encanto e de carácter — desde as vielas lôbregas da Alfama e da Mouraria, aos crapulosos antros e recantos do Bairro Alto, da Madragôa e todo o bairro do Poço dos Negros. Os estrangeiros, de algum senso e alguma sensibilidade, olham-nos de revés, com um misto de asco e de inquietação que, só, por polidez, não denunciam o espanto da sua comiseração pelo nosso bairrismo de basbaques.

O que, portanto, se reclama é plenos poderes a um verídico Haussmam alfacinha, menos ingénuo e de curtas vistas que o posteleiro Rosa Araújo — homem nascido e criado no burgo que nanja contratado além-fronteiras, em comissão de torna-viagem, para depois lá de longe nos impingir monstruosos mamarrachos em aguarela que, a não serem de todo inexequíveis, seriam a suprêma afronta arrojada às faces da vetusta e pomposa urbe que Afonso Henriques arrebatou aos moiros.

Há tanta coisa a demolir impiedosamente, tanta coisa a rectificar e compor, tanto recanto e perspectiva a poupar, tanto que retocar e afeitar, com religioso carinho! E a par de isso há tanto problema de trânsito e de acesso a resolver, tanto terreno a aproveitar, tanta higiéne a derramar, tanta, tanta coisa a fazer, para tornar Lisboa uma cidade europeia e moderna, sem se lhe desvirtuar nem lhe desfigurar a sua inconfundível fisionomia milenária, de branco, pomposo e vetusto empório mosarabe, que só um homem de génio, num largo vôo de audácia, bom gôsto e bom senso, poderia rasgar as amplas prespectivas e traçar o vasto e complicado plano de que carece a Lisboa do século XX, para bem merecer a frase que a um rei de Castela mereceu a Lisboa do XIV século:

— «Por venturoso me tenho de haver visto tão formoso rio e tão formosa cidade».

calçada da glória...

SANTA CASA

A antiga casa Barros e Santos, à Rua do Carmo, apareceu recentemente transformada em livraria — a Livraria *Portugal* — cuja gerência está entregue a dois livreiros conhecedores do seu ofício — Pedro de Andrade e Raúl Dias. Parece que não é financeiramente estranho à nova livraria um alto e endinheirado funcionário da Misericórdia e, tanto assim, que há já quem chame ao novo estabelecimento — a Santa Casa... do Livro!

A FLOR

O dr. José Guerreiro Murta, autor de alguns excelentes livros didácticos, professor conceituadíssimo e espírito de rara cultura, surgiu, há dias, em pleno Chiado, ostentando na lapela do casaco uma flor alegre. Comentário dum dos seus amigos, o Dr. Carmo e Cunha, alto funcionário do Ministério da Economia:

— Já tínhamos a «Flor da Murta»; temos agora a «Flor do Murta»: enfim, a história completou-se...

VELHO SÃO CARLOS

NOS tempos da ópera em São Carlos formavam-se, por vezes, partidos em volta dos artistas e, sobretudo, das artistas. Uns eram por umas: outros — por outras. As controvérsias, por exemplo, entre os partidários da cantora Alboni e da cantora Novello ficaram célebres. Uma noite, um dos rapazes fidalgos da época, chamado José Avelar, partidário de Alboni, acabou por ser desafiado por um outro, alfaiate, de nome David, partidário da Novello. Findo o espectáculo, vieram para a rua e, numa sombra, esmurraram-se o mais harmònicamente possível. Veiu a polícia e levou-os para o Govêrno Civil. Então José Avelar propoz:

— Cada um de nós tem o seu ofício. Eu sou estudante de medicina: curo-lhe o ferimento que lhe fiz; êle é alfaiate: concerta-me a sobrecasaca que me rasgou...

E assim foi.

D. JOÃO DA CÂMARA

CONTA a grande actriz Maria Matos êste episódio que vale um manual de psicologia.

Ela era então aluna do Conservatório. Estava-se em Junho: por conseqüência, com os exames à porta. D. João da Câmara pedira a todos os alunos que fôssem pontuais às lições. Ora aconteceu que um dia — lindo dia de sol, por sinal — D. João entrou na sua aula, cansado, ofegante, como de costume. Depois de pedir ao contínuo o habitual copo de água, sentou-se à secretária e começou por chamar todos, a ver se faltava alguém. Faltava um aluno. Tornou a chamar. Não havia dúvida: o rapaz não estava. O professor, desgostoso, ia marcar-lhe a inevitável falta, quando, no fundo da aula, uma voz exclama — «Ó senhor D. João êle foi passear para o campo. Diz que era uma falta de bom gôsto, quási um pecado, vir uma pessoa meter-se entre quatro paredes com um dia dêstes...»

Aqui e além rebentaram frouxos de riso. D. João da Câmara sorriu, uma onda de enternecimento aveludou-lhe o olhar, e disse:

— O rapaz tem razão. É um artista!

E, em vez duma falta, marcou-lhe uma boa nota.

UM SÁBIO OFICIAL

Aí por alturas de 1888 — dizem as crónicas — havia, em Lisboa, um rapazito baixo, miúdo, vivíssimo, que se chamava Gago Coutinho. Vivendo entre a Politécnica e o Clube Gimnástico tinha duas preocupações dominantes: a física e as argolas. Fisicamente, o seu forte era montar campainhas eléctricas; atleticamente, o seu fraco era fazer exercícios de acrobacia. Mas os anos passaram. O aluno da Politécnica tornou-se um sábio; o atleta converteu-se num herói. Um belo dia, o sábio inventou um pequenino aparelho de algibeira que lhe permitia ver o que ninguém via; o herói ganhou azas, tomou balanço e, quando menos se esperava, atravessou o Atlântico, trauteando «La donna e mobile». O pequenino aparelho transformou-se num símbolo; a aventura, numa apoteose. Uma larga porta de bronze se abriu então de par em par — e Gago Coutinho, com os galões de oiro de almirante luzindo sôbre a manga azul, entrou na eternidade da História, simples, risonho, afogueado de pudor, pedindo desculpa de ser herói e de ser sábio... Na verdade, difícil encontrar alguém mais desprendido de protocolo. Quem o surpreender na dôce tranqüilidade da sua casa — um exíguo 2.° andar, à rua da Esperança — é mais que certo que o encontra de fato de cotim e de pantufas, recostado numa tôsca cadeira de lona, rodeado de livros, de mapas, de manuscritos, de papéis velhos. Só tem um orgulho: ser modesto. Só tem uma ambição — que o deixem em paz. Se lhe preguntarem qual é, politicamente, o seu maior ideal responderá, num sorriso: — «Tomar chá e torradas»; se inquirirem dêle qual é, biològicamente, a sua maior distracção, não hesitará um segundo: — «A electricidade e o teatro de revista». A sua centelha imaginativa varia entre dois polos: Ampére — e Beatriz Costa. É um sábio jovial. É uma grande figura que realiza, quando lhe apetece, êste prodígio: levantar-se às sete, almoçar às dez, ir ao Rio de Janeiro às cinco, jantar em Copacabana às oito — e vir assistir à primeira sessão do Maria Vitória, às 9... De resto, é um paradoxo: tendo construído um astrolábio — não tem «lábia nenhuma»; sendo o mais Coutinho de todos os Gagos — é o menos Gago de todos os Coutinhos!

FÓSFOROS

O conhecido livreiro António Maria Pereira contou-me ontem:

— Há dias houve em Espinho um incêndio numa fábrica de fósforos. Ardeu tudo — menos os fósforos...

E comentou:

— É por estas e por outras que eu uso ainda a pederneira e isca...

A TÓBIS

OS accionistas da *Tobis* parece que não vêem, com grande optimismo, o destino dos seus capitais. Certo pároco duma das nossas fréguesias (a quem insistiram que ficasse com dez acções) já não diz:

— *Dominus vóbiscum...*

Diz:

— *Dominus tóbiscum!*

UM «DANCING»

UM jornalista americano visitou, há tempo, o edifício do *Diário de Notícias*, na Avenida da Liberdade. Percorreu tôdas as dependências; manifestou o seu agrado por tudo quanto viu; mas ao chegar ao terraço do edifício, donde se avista um desafogado panorama da cidade, não pôde deixar de dizer, com assombro:

— Pois quê? Será possível que ainda não instalassem aqui um *dancing!*

D. CARLOS, PINTOR

O penúltimo rei de Portugal foi, como decerto não ignoram, um espléndido paisagista. Rafael Bordalo Pinheiro ao contemplar, numa exposição, duas paisagens, obra de Sua Magestade, não pôde deixar de exclamar, com a mais decidida convicção

— Num país onde o Rei desenha melhor que os artistas, é justo que os artista se sentem no trono e tenham uma corôa!

VENENOS

ANTÓNIO Rodrigues Sampaio — o célebre Sampaio da *Revolução* — tôdas as manhãs, ao acordar, chamava o creado, mandava abrir as janelas do quarto e ordenava invariàvelmente:

— Traze lá êsses venenos!

Os venenos eram os jornais. O grande jornalista, apesar de tudo, não podia passar sem eles.

«RAVACHOL»

OS jornais anunciaram, há pouco, o falecimento dum velho e estimado contratador de bilhetes de teatro, de nome José Eugénio de Castro Rodrigues. Tinha 70 anos: era algarvio de nascimento; e popularizára-se na boémia teatral sob o nome de «Ravachol». Era uma figura curiosa. Estou a vê-lo, risonho, loquaz, com um bigode farto que constituía o seu orgulho. Tinha explicações para tudo. Um dia preguntaram se êle sabia o que era um féto. Não hesitou: — «Então não sei... É uma pessoa que vem do outro mundo a êste e que se vai embora sem têr cá entrado!».

Pobre «Ravachol!».

Luiz d'Oliveira Guimarães

A VITÓRIA do Reich na Grécia

EM ATENAS, as tropas alemãs que tomaram parte na campanha balcânica, desfilam, na «Parada da Vitória», perante os altos comandos. A «Parada da Vitória» efectuou-se alguns dias antes do comêço da acção contra a ilha de Creta.

NA PERSEGUIÇÃO às tropas greco-britânicas na peninsula de Atenas, na última fase da luta na Grécia, os alemães utilizaram todos os veículos de que dispunham. Nas extensas planícies da região, vêem-se hoje também numerosos veículos, abandonados quando dos bombardeamentos «a pique» dos «stukas».

Em cima: O FIM OFICIAL da heróica resistência da Grécia. O general Tsolukoglu — que é hoje o chefe do govêrno grego que se instalou em Atenas — assina, perante os oficiais alemães, a definitiva capitulação da capital.

À direita: O PARTENON, jóia da ACROPOLE de Atenas, símbolo duma civilização, resto dum Passado que emerge das ruínas, foi poupado aos rigores da guerra. Mas, sôbre ela, foi hasteada já a bandeira da cruz suástica.

WILLKIE
Esteve na Guiné Portuguesa

NO SEU TRAJECTO PARA A EUROPA, Wendell Willkie, candidato à Presidência da República norte-americana nas últimas eleições, parou algum tempo em Bolama. Grande entusiasta pela caça, aproveitou a paragem do «Clipper» para tomar parte numa expedição venatória em que se incorporaram também o governador daquela província e o sr. Major Sérgio da Silva. A foto mostra-nos Willkie num barco característico da Guiné, com dois indígenas que o acompanharam numa caçada aos patos bravos que abundam nos rios.

O GENERAL ANTONESCO, «Condutor do Estado romeno», pronunciou um discurso a definir a futura atitude do seu país na política europeia, durante a última grande parada militar efectuada na capital, em Bucareste.

UMA POMBA POISA SÔBRE O ARAME FARPADO... Dir-se-ia uma ironia do Destino — e é, apenas, uma fotografia do acaso. Num dos lagos da fronteira suíça, gelados em conseqüência do frio, as pombas, não podendo conservar-se sôbre o gêlo que cobria as margens, empoleiraram-se nas sebes de arame farpado. Foi nesta crítica posição que um fotógrafo hábil fixou um dos pobres animais.

O MAJOR CLEMENT ATLEE, Lord do Sêlo Privado e «leader» do Partido Trabalhista, é um dos ministros mais activos do gabinete de guerra inglês. As horas vagas dedica-as, porém, às ocupações que lhe são mais queridas depois do seu dever para com a Pátria: a sua família, o seu jardim, o fumo do seu cachimbo.

Balões de barragem

NA DEFESA DAS GRANDES CIDADES contra os ataques aéreos, os balões de barragem desempenham ainda hoje papel muito importante, não obstante não terem a eficácia que se lhes atribuía no princípio da guerra. Esta fotografia mostra-nos o momento em que alguns balões da barragem de Londres são retirados dos seus grandes hangares e rebocados por camionetas que os conduzirão para os locais determinados pelo Comando de Defesa na zona periférica.

Criminoso confesso

Conto policial inédito de Henry Jackson

Especial para "Vida Mundial Ilustrada"

JOHN Wood, o extraordinário inspector da Scotland Yard, universalmente conhecido pelo apôdo de «Polícia de Demónio», trabalhava havia mais de uma hora, encerrado no seu gabinete, quando o contínuo, entrando discretamente e abeirando-se da sua secretária, o forçou a interromper a leitura de um documento que parecia interessá-lo vivamente para lhe dizer a meia voz.

— Está lá fora um cavalheiro que pretende falar-lhe.

— Que espere um momento que eu já o atendo — pronunciou John Wood, voltando a mergulhar na leitura do relatório.

Era um documento importante, no qual a Polícia de Nova York comunicava o resultado de umas investigações realizadas a pedido da Polícia de Londres. A leitura parecia causar-lhe grande prazer, porque a repetia, com um sorriso de contentamento na larga face escanhoada.

—Mas o homem diz ter grande urgência em fazer-lhe uma comunicação... — atreveu-se o contínuo a dizer, contrariando a ordem do seu superior.

Wood levantou os olhos para o empregado, fitando-o um momento, no ar de quem faz apêlo a tôdas as energias para concentrar a atenção no que lhe diziam.

— Tem grande urgência em falar-me?... — proferiu êle, maquinalmente.

— Diz que sim —confirmou o contínuo. E ajuntou, a título de melhor informação: — Parace tratar-se de assunto grave. Traz o cabelo em desalinho, o fato em desordem...

— Manda-o entrar! — ordenou Wood, pressentindo talvez, guiado pelo seu apurado faro profissional, encontrar-se à beira de um caso de grande importância.

O empregado mal tivera tempo de saír a porta, e já por ela irrompia o visitante, que decerto não podia conter por mais tecmpo a impacência de ser recebido pelo famoso «detective».

Êste, parecendo não reparar no estado de visível excitação do recem-chegado, indicara-lhe, com um gesto, uma cadeira.

— Preciso de lhe contar tudo, senhor inspector! — foram as primeiras palavras do estranho homem, que Wood tinha na sua presença.

— Sente-se e acalme-se — pronunciou o «Polícia Demónio», num tom de voz firme e sereno.

O homem deixou-se cair num «fauteuil», resfolegando de cansaço. Entretanto, Wood examinava-o.

Não devia contar mais de quarenta e cinco anos o recem-chegado. Era alto e magro, mãos largas, dedos nervosos, rosto comprido e sêco, lábios finos que tremiam, olhos muito claros, irrequietos, que passeavam por tôda a sala sem se fixarem em coisa alguma, cabelo louro e esbranquiçado nas têmporas. Rolava impaciente um fêltro amachucado nas mãos nervosas e perpassava no seu olhar um lampejo de alucinação.

— Queira dizer — proferiu John Wood, decorrido um largo momento de silêncio, que devia ter sido tão opressivo para o visitante como se lhe carregassem com um joelho no peito.

— Senhor inspector, — disse êle, num desabafo que dir-se-ia vir bem do fundo da sua alma — tem na sua frente um criminoso!

O inspector não se mostrou comovido com a confissão. Olhou-o tranqüìlamente e inquiriu:

— Como se chama?

O homem não esperava decerto aquela pregunta tão banal como reacção de uma confissão tão grave. Hesitou e respondeu atabalhoadamente:

— William... William Paddock...

— Como?

— William Paddock — repetiu o criminoso confesso. E, logo retomando o fio das considerações que o polícia interrompera, acrescentou: — Venho colocar-me inteiramente à sua disposição. Tenho a consciência do crime que cometi... Sei que serei condenado à fôrca... Não me importa... É preciso que lhe conte tudo...

— William Paddock... — repetia Wood a meia voz, como se lhe interessasse mais o nome do criminoso do que o crime cometido.

— William Paddock... William Bright Paddock— é o meu nome todo — dizia o recem-chegado. E ajuntava, amarrotando nas mãos enclavinhadas o pobre fêltro: — É o nome dêste homem abjecto, que quere furtar-se às garras do remorso, confessando expontâneamente as suas culpas!

John Wood sacou, vagaroso, do seu cachimbo— um velho cachimbo muito queimado e roído do rebordo direito — encheu-o paulatinamente de louro tabaco, acendeu-o, soprou uma ou duas fumaças, enquanto o homem ia atirando, uma após outra, atropelando-se, as frases amargas da sua profissão.

—Eu quero contar-lhe tudo desde o princípio, sem omitir um único pormenor. Quero esclarecer a Justiça, para que ela julgue imparcialmente os meus actos Confesso senhor, inspector, que agi com absoluta premeditação. O caso passou-se há três anos e há factos do pleno conhecimento da Polícia; simplesmente, foram deliberadamente desvirtuados por mim, para a induzir em êrro... Isto agrava a minha situação, reconheço-o...

— Escute — interrompeu o «Polícia Demónio» — o senhor não mora em Jackson Street, 98?

— Exactamente... — respondeu Paddock, olhando Wood com espanto. — Mas... Mas a que propósito?... Acho que é melhor o senhor não me interromper. Interrogue-me no fim, à sua vontade. Eu não vim aqui senão para confessar, para dizer tudo, tudo: o que me preguntarem e o que não me preguntarem...

Wood fumava tranqüìlamente. Tinha-se recostado na sua cadeira com o ar de quem saboreia uma boa cachimbada, depois de jantar. A sua atitude serena, não esfriara, porém, o ardor com que o criminoso pretendia confessar-se. Paddock, avisado talvez pelo seu instinto, devia estranhar que John Wood, o famoso «Polícia Demónio», sempre tão enérgico e decidido nas investigações das verdades mais hàbilmente ocultas, se mostrasse quási indiferente perante um homem que lhe levava, com a sua confissão, mais um grande triunfo a juntar à sua glória de «detective» arguto e arrojado. Para que se prendia Wood com pormenores de menos valia, como um nome e uma morada? Não seria mais lógico que aproveitasse a ânsia de confissão do criminoso, para dela sacar todo o proveito, ocupando-se depois de minúcias mais fáceis de averiguar, como a identidade e o endereço do criminoso?

É possível que estas objecções passassem fugidìamente pelo cérebro de Paddock. Êle, porém estava demasiado preocupado com a sua própria atitude, com os seus melindrosos problemas íntimos, para poder descernir com serenidade das razões da estranha indiferença de John Wood.

No entanto, aquelas preguntazinhas de algibeira tinham-no atrapalhado um pouco. Quís pôr alguma ordem nos seus pensamentos. Passou a mão ossuda pela fronte suada e repisou em voz mais frouxa:

— Venho na disposição de confessar-lhe tudo, tudo, senhor inspector. Não quero ocultar que o meu crime foi premeditado, tão hàbilmente premeditado e executado que a Polícia nunca suspeitou de mim. Ninguém suspeitou de mim... Consideram-me inocente; sou vítima aos olhos de tôda a gente... E afinal não passo de um bandido...

Calou-se. Passou em redor o olhar desvairado. Rolou mais uma vez o chapéu de fêltro nas mãos trémulas. Depois, inclinando-se para a frente e fitando muito o inspector, pronunciou surdamente:

— Matei minha mulher...

* * *

O «Polícia Demónio» ficou imperturbável. Soprou mais uma fumaça e olhou-o, silenciosamente. Paddock permanecia ainda todo derrubado para diante,

Amarrei-lhe aos pés um saco de areia do lastro e impeli-a pela borda fora

como que suspenso da frase tremenda que acabava de pronunciar. Depois, como o polícia quedasse inamovível, deixou-se cair para traz, com um suspiro e continuou:

— Deseja provàvelmente saber como o caso se passou... Como nasceu em mim a idéia do crime... Como o executei...

Wood conservou-se calado.

— Eu adorava Florence... Foi a minha primeira e única paixão, uma paixão que me absorveu a vida inteira, uma paixão que me levou ao crime. Note, senhor inspector, se digo que a minha paixão me levou ao crime, não é para me desculpar, para aliviar o pêso das minhas responsabilidades... Pelo contrário, estou disposto a caminhar sem hesitações para a fôrca, que me espera. Mas a verdade é que, por muito estranho que o caso pareça, eu matei minha mulher por excesso de amor.

«Devo declarar que Florence não casou comigo de vontade. Estava bem longe de sentir por mim os sentimentos que eu nutria por ela. Quando, pela primeira vez, lhe confessei o meu amor e a minha intenção de me casar, repeliu-me. Foi um desgôsto que, por pouco, não me levou desta vida. Durante dois anos, insisti com Florence para que me aceitasse por marido. Recusava sempre. Tratava-me até com certo desprêzo, o que me fazia sofrer horrivelmente.

«Florence não tinha mais família senão a mãe, senhora de poucos meios e muito doente, que me dispensava uma certa simpatia. Pedi a interferência dessa senhora em favor da minha causa. Florence, porém, permanecia inabalável na recusa. Perdi tôdas as minhas esperanças. A vida, sem a mulher amada, parecia-me vazia, sem finalidade, sem sentido. Decidi então pôr têrmo à existência. Acabaria, assim, o meu tormento. Sabendo que me sacrificava por amor dela, Florence, mais tarde, ao recordar-me, havia de ter pela minha memória uma certa simpatia. E esta ideia consolava-me, compensava largamente o sacrifício da minha vida . Uma noite, decidi-me: meti uma bala na cabeça».

William Paddock abriu uma larga pausa, como se quisesse espreitar no rosto do inspector o efeito que a revelação produzira do seu espírito. Wood, porém, mantinha-se inalterável. Voltara a carregar de bom tabaco o seu velho cachimbo e as palavras do criminoso não o forçaram a interromper aquela tarefa que lhe era tão grata.

Paddock então, como que resignado a suportar até ao fim aquela gélida apatia, prosseguiu:

— Escapei da morte. Depois de muitos dias de perigo, de febres, de alucinações, comecei a tomar consciência de que vivia ainda. E logo que a minha atenção pôde fixar-se no que me cercava, a primeira pessoa que meus olhos puderam ver foi Florence.

«Ela meditava na extensão do meu sacrifício. A minha atitude tivera o condão de comovê-la profundamente. Estava ali, a meu lado, a oferecer-me os seus cuidados de enfermeira e o seu coração de noiva.

«Logo que me senti restabelecido, casámos. E fomos muito felizes. Fomos, não... Podíamos ou devíamos ter sido muito felizes. Mas um factor contribuiu para esfacelar a nossa felicidade conjugal: o meu temperamento, mais forte do que a razão, mais forte do que a minha própria vontade. Eu sou um ciumento incorrigível. Tinha ciúmes de tudo e de todos. Era um ciúme que eu bem via não ter fundamento, mas isso não me impedia de o sentir. Era horrível, senhor inspector! Sofria e fazia sofrer a minha pobre espôsa. Quási todos os dias questionávamos. Umas vezes, porque acusava Florence de, no teatro, ter fixado, mais do que o normal, determinado espectador, outras, porque suspeitava de que ela, na minha ausência, ia avistar-se com amantes fantásticos. Imagine, «mister» Wood, que eu chegava a odiar certos actores de cinema que Florence seguia com mais simpatia na tela!

«As nossas discussões azedavam-se, de dia para dia. Após a morte de minha sogra, agravaram-se. Cheguei a agredi-la. Compreendi que, se não modificasse o meu temperamento, o nosso futuro conjugal seria cada vez mais sombrio. Mas modificar-me é que eu não podia. Tinha a consciência de que caminhava para o abismo, impelido por uma fôrça fatal indomável. A ideia de matar Florence instalou-se, primeiro, hesitante, depois, como soberana, no meu espírito. Encarava a morte dela, como único meio de libertar-me das torturas que me afligiam. Poderia divorciar-me. Mas, com ela viva, embora distante, a tortura do ciúme seria para mim mais atroz. Só desaparecendo um de nós, poderia haver descanso. Pensei em suïcidar-me. Seria mais uma tentativa, que não podia falhar como a primeira. Mas a ideia de que ela ficava viva e depois poderia casar de novo, pertencer a outro homem, quási me enlouquecia de furor e de ciúme. Não, não tinha coragem para me suïcidar. Creia, senhor inspector, eu já não era capaz de repetir o gesto que me ia custando a vida e que afinal me entregara Florence.»

John Wood parecia agora examiná-lo com mais atenção. Nos seus olhos luzia um lampejo de curiosidade, de interêsse. Pela primeira vez, durante a confissão de William, pronunciara algumas escassas palavras.

— Sim, você não conseguiu suïcidar-se... — disse êle, muito calmo.

— Não, não consegui — concordou Paddock. — Concebi um plano diferente. Simular a fuga de minha mulher, e matá-la.

Calou-se, anelante. O inspector nem pestanajava.

Com um grande suspiro, o criminoso proferiu após uma larga pausa:

— O senhor conhece alguns pormenores do meu alibi. Deve recordar-se de uma queixa que eu apresentei à Scotland Yard. O caso veio relatado nos jornais. Quem se ocupou das investigações foi o seu colega Davis, já falecido. Recorda-se?

Wood esboçou um gesto vago, que não sabia se significava recordar-se ou não se recordar. Paddock é que julgou notar uma afirmação e acudiu, com alvorôço:

— Não tive então dúvidas em caluniar Florence. Tenho que ajuntar aos meus crimes, mais êsse: o da calúnia. Caluniei-a miseràvelmente. Ela tinha desaparecido. Estou agora a contar os factos como êles se apresentaram na aparência, segundo a queixa que formulei perante as autoridades. Não sei se se recorda bem... Veio nos jornais... Eu acusei Florence de ter fugido. E, como coincidira com o desaparecimento do doutor Brown, o médico que me tratava então do que êle supunha ser neurastenia, mas que não passava afinal de um estado agudo de ciumeira, não tive dúvidas em declarar que estava fortemente convencido de que tinham fugido os dois. Provei que Florence era amante do dr. Brown, citei as datas dos encontros, os locais das entrevistas, etc. A polícia tomou por boas as minhas declarações. Creio que não fêz grande empenho em encontrar Florence, embora eu afectasse muito interêsse no caso.

«A verdade, porém, é que, se o dr. Brown tinha desaparecido (suponho que passando clandestinamente para o continente americano), outro tanto não se dera com Florence. Eu sabia perfeitamente onde ela se encontrava. E vou confessá-lo agora, senhor inspector. Vou confessá-lo, porque já não posso guardar por mais tempo êste segrêdo que me devora a alma, como um incêndio interior.»

Deteve-se de novo, a olhar o «detective» impassível.

Ergueu-se arrebatadamente do «fauteuil» e atirou as palavras como quem arremessa pedras:

— Vou confessá-lo, senhor inspector! Florence jaz morta, no fundo do mar. Fui eu que a assassinei.

E como Wood fôsse a esboçar um movimento, como se quisesse enfim falar, Paddock apressou-se a impedi-lo, dizendo numa voz alterada e rouca:

— Eu conto tudo!... Eu conto tudo... Florence está inocente... Florence foi-me sempre fiel... Eu acusei-a falsamente de ter fugido com o médico, para ocultar com uma calúnia o meu crime. O verdade é esta: eu tinha um pequeno barco à vela. Era um apaixonado da pesca. Um dia, levei comigo a pobre Florence. Era um passeio... Mas eu premeditara bem o meu crime. Com que requinte eu traçara o meu hediondo plano!

Arquejava. Respirava a custo. Olhava em tôrno como se temesse que o fantasma da assassinada lhe aparecesse de-repente. Wood seguia agora com mais atenção todos os seus movimentos. Chegara mesmo a fixar mais detidamente certos pormenores do vestuário e do rosto do criminoso confesso. E não se sabe que particularidade lhe notou que por seus lábios perpassou um sorriso fugaz, talvez um sorriso de triunfo. Entretanto, Paddock, já sem notar o interêsse que despertava, prosseguia na sua narrativa sinistra:

— Reconheço que fui bandido, requintadamente canalha. Desde que a ideia de a matar se fixou no meu espírito, uma grande calma passou a presidir a todos os meus actos. Deixei de atormentar minha mulher com as habituais cenas de ciúme. Durante uma semana, ela viveu sossegada. Anuía a todos os seus caprichos, trazia-lhe presentes, cercava-a de carinhos. Eu sabia que eram os últimos dias de Florence e queria que êles decorressem sossegados, felizes. Como o caçador que engana a caça com mimos, para mais desprevenida a apanhar, assim eu procedia com Florence. Mas no fundo de minha alma, senhor inspector (veja a minha abjecção!) o que eu me sentia era tranqüilizado com a certeza de que ela morreria.

«Um domingo, de manhã, aparelhei o meu barco e parti para a pesca, levando-a comigo. Eu sou um hábil marinheiro e um bom pescador. Florence acompanhou-me, contente. Eram os primeiros dias calmos que disfrutava desde a nossa lua de mel. Singramos rio abaixo até ao alto mar. Ela nem por sombras suspeitava dos meus propósitos e eu ocultava-lhes sob uma grande alegria com a qual apenas dissimulava a impaciência de rematar a minha tarefa, a minha sinstra tarefa.

«O dia estava magnífico e o mar sereno. Afastámo-nos afoitamente de terra. Eu queria ficar só com Florence, longe de testemunhas. Preparei as redes e lancei-as. O barco vogava ligeiro, como se também se sentisse feliz. Em dado momento, disse a minha mulher: «Dá-me êsses anzóis. Quero lançar também alguns fios a estibordo. Isto vai ser um dia em cheio...» Florence ajoelhou no fundo do barco para me alcançar uma caixa de fôlha em que se guardavam os anzóis. Nêsse momento, com uma fatecha, descarreguei-lhe uma violenta pancada na nuca. Caíu de bôrco, sem proferir palavra. Pronto. O resto foi fácil... Amarrei-lhe aos pés um saco de areia do lastro e impeli-a pela borda fora. Um «glu-glu», uma ondulação mais forte e acabou-se...»

Paddock estava de pé, lívido como um espectro, o olhar desvairado muito fixo nos olhos tranqüílos do «Polícia Demónio». Calara-se, como esgotado pela longa narrativa. Assim permaneceram silenciosos os dois homens, frente a frente.

Por fim, William Paddock, como se sentisse necessidade de dar remate à sua confissão, deixou-se cair, de novo, no «fauteuil», e proferiu em voz sumida:

— Eis o que tinha a dizer-lhe senhor inspector. Dê-me o destino que mereço. Sou um criminoso...

John Wood pousou com carinhoso jeito o seu velho cachimbo sôbre a fôlha de mata-borrão que cobria a secretária, e disse, muito lenta e serenamente:

— Sim, Paddock, você é um criminoso, duplamente criminoso.

Fêz uma pausa, folheou uns papéis e pronunciou em seguida:

— Você não teve coragem de suïcidar-se. O vergão roxo que vejo em tôrno do seu pescoço bem o indica. A corda com que o senhor quis enforcar-se hoje era fraca, quebrou-se...

Paddock ia a protestar, mas um gesto enérgico de Wood conteve-o.

— Você não conseguiu suïcidar-se. Quem atenta contra a sua existência é criminoso. Você acaba de contar-me uma novela, isto é, quis induzir a Polícia em êrro, acusando-se falsamente. Quem mente à autoridade comete um crime. Você não assassinou sua mulher. Quere enganar a Justiça para que ela o condene à fôrca. Vai, portanto, ficar prêso, porque está inocente dos crimes que se imputou.

— Juro-lhe que é verdade! — bradou William, levantando-se de repelão. — Confessei tudo... Sou o assassino de Florence... Caluniei-a para ocultar o meu crime!...

Agitando na mão forte um maço de papéis, Wood bradava por sua vez:

— Cale-se! Está prêso, em nome da Lei! A Polícia de Nova-Iorque acaba de comunicar-me neste relatório que «mistress» Florence Paddock vive naquela cidade com o dr. Brown, o amante com quem fugira de Londres. As acusações da sua queixa apresentada há três anos, confirmaram-se plenamente.

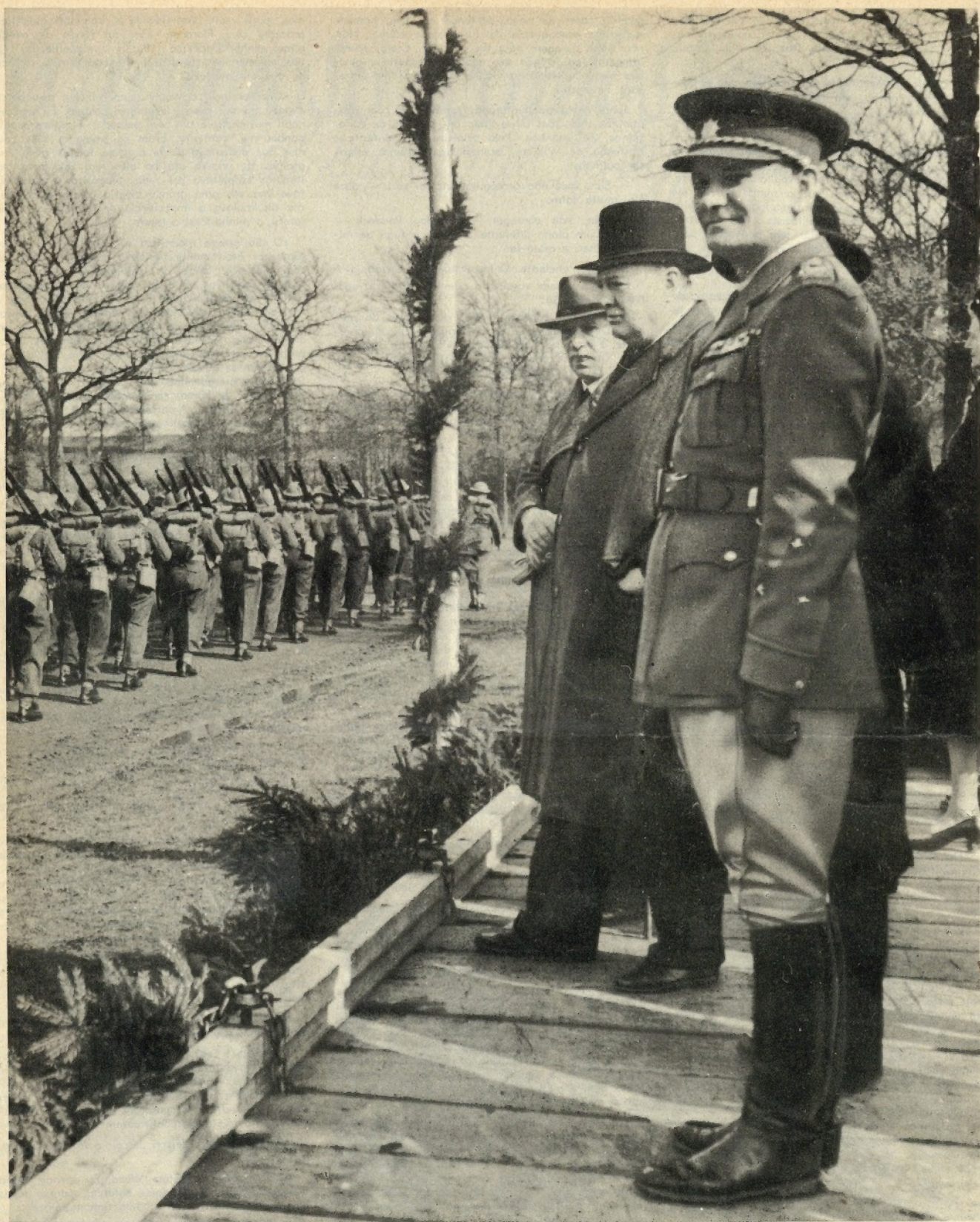
William Paddock deixou descair a fronte, abatido, e murmurou:

— Tem razão, «mister» Wood. Eu apenas queria que a Justiça me mandasse enforcar, porque tôdas as minhas tentativas de suïcídio tinham falhado.

— E falharam mais uma vez — comentou John Wood, readquirindo a sua calma, que já se tornara proverbial em Scotland Yard.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

UMA NOVELA DE AMOR DA ESCRITORA

ALICE OGANDO

tropas CHECAS *na Inglaterra*

O PRIMEIRO MINISTRO DA GRÃ-BRETANHA, acompanhado do dr. Benes, do chefe do govêrno checo, sr. Stamar; e do major--general Arnold, chefe do exército do Ar norte-americano, passa revista às tropas checoeslovacas que se encontram em Inglaterra, colaborando com as fôrças britânicas na defesa da ilha.